

~~frigoríficos~~
~~políticos~~
~~jogos de cartas~~
~~palavras cruzadas~~
~~puzzles~~
POESIA
COR
AMOR



~~frigoríficos~~
~~políticos~~
~~jogos de cartas~~
~~palavras cruzadas~~
~~puzzles~~

POESIA
COR
AMOR

P'ARTE: recolhas poéticas

DIRECÇÃO: P'ARTE: Pensar, Praticar, Partilhar, Perturbar, Provocar Arte/ THELEME/ CEC - Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

ISSN 2184-6480

FICHA TÉCNICA #1

Título: *frigoríficos, políticos, jogos de cartas, palavras cruzadas, puzzles, POESIA, COR, AMOR*

Editor: Verónica Conte

Coordenação Gráfica: Joana Perry

Design gráfico e paginação: Mariana Vieira e Joana Perry

Colaboração design gráfico da capa: Inês Coimbra

Design gráfico do logotipo P'ARTE: recolhas poéticas: Maria Câmara

Imagem de capa e de ambientes de página: Verónica Conte

Data de Edição: Dezembro 2019

Uma colaboração entre a Associação Portuguesa da Cor e o grupo de investigação P'ARTE: Pensar, Praticar, Partilhar, Perturbar, Provocar Arte

Os textos e as imagens são da responsabilidade dos seus autores.

apcor@apcor.org

partecec@gmail.com



associação portuguesa da **cor**

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA



Centro de Estudos
Comparatistas

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ELT/00509/2019

Sumário

Prefácio <i>Espectro de Palavras</i>	. P .	Verónica Conte
Apontamentos no atelier (1)	. 6 .	João Brehm
Oração das Cores	. 8 .	Carlos Carrilho
Vermelho ardente	. 10 .	Liomarevi
Sheffield	. 11 .	Vanessa Montesi
Blusa Azul	. 12 .	Hugo Neto
Pintura rupestre (Ocre)	. 13 .	Juan Á. Umbarila
Somos todos Rosa	. 15 .	Maria João Durão
<i>Poema sin título</i>	. 20 .	Cristian Forte
Dionisio	. 21 .	Andino Pampa
De Buenos Aires a Lisboa	. 22 .	Andino Pampa
Jardins de Lisboa	. 24 .	Joaquim Melon Simões
A floresta	. 25 .	Ana Coutinho
O branco é branco	. 26 .	Liomarevi
Crianças cor de amor	. 27 .	GuiRuivo
Uma azul rosa amarelo	. 28 .	Lola Melo
Antes do princípio era o preto	. 29 .	Liomarevi
Apontamentos no atelier (2)	. 30 .	João Brehm

Prefácio:
Espectro de palavras

“Não podemos mais sobreviver de frigoríficos, políticos, jogos de cartas, palavras cruzadas e puzzles. Não podemos mais viver sem poesia, cor e amor” (Antoine de Saint-Exupéry, *in Carta ao General X*, 1943)

Inversamente à variabilidade cromática do mundo, vastas investigações no domínio da cor e da linguística indicam-nos que usamos, comumente, apenas entre onze a quinze palavras para definirmos os cromas que melhor distinguimos, e este número, nos idiomas mais complexos. Contudo, a cada cor percebida desponta todo um largo espectro de palavras para a descrever, narrar, exprimir aquilo que é, segundo Merleau-Ponty “a cor, o eco do corpo depois de ver as coisas” (*in L’Oeil et L’Esprit*, 1964).

A 21 de Março de 2019, celebrando o Dia Internacional da Cor e Mundial da Poesia, tornámos as cores e as palavras protagonistas num encontro de leitura de poesia plurilingue. Investigadores e público surpreendido, estivemos todos fazendo parte desse momento animado e intimista no O’Malta Bistrô Bar, em Lisboa, cruzando a actividade académica com a vida da cidade. Dos poemas livres, em verso, orações, canções, testamentos, histórias, receitas, apontamentos que nos fizeram mergulhar na cor por mais de cinco horas consecutivas, recolhemos neste volume os poemas inéditos. Cor e palavra, ora como fumo, difuso e discreto, ora de forma nua, texturada, sedutora e concreta, deram lugar às emoções, sonhos, pensamentos... respirações destes “pupilos da cor” (como nos chama no seu texto Maria João Durão), fazendo assim transparecer a nossa subjectividade individual, e simultaneamente, a uníssonos descendência rosa da qual provimos.

À despedida foram muitas as pessoas que pediram a repetição do evento no seu agradecimento. Isto fez-me concluir que a citação mote do encontro, e que não é demais repetir, estava por todos profundamente partilhada: “Não podemos mais sobreviver de frigoríficos, políticos, jogos de cartas, palavras cruzadas e puzzles. Não podemos mais viver sem poesia, cor, amor” Saint-Exupéry (1943).

Como palavras finais deixo um agradecimento muito particular a todos os que nos iluminaram com as leituras e presença no encontro; e aos grupos de investigação que organizaram conjuntamente com a APCor — Associação Portuguesa da Cor a Celebração do Dia Internacional da Cor e Mundial da Poesia 2019: o Grupo de Cor e Luz / Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design da Faculdade de Arquitetura e ao P'ARTE: Pensar, Praticar, Partilhar, Perturbar, Provocar Arte / Theleme do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras, ambos da Universidade de Lisboa. Novamente ao P'ARTE por inaugurar com esta publicação as suas *recolhas poéticas*.

VERÓNICA CONTE

Presidente da Direcção da Associação Portuguesa da Cor
Investigadora efectiva do CIAUD - Grupo Cor e Luz
Investigadora colaboradora do CEC - P'ARTE/Theleme

Apontamentos no atelier (1)

A humidade invernal impede a tinta de secar.
Sento-me no esburacado do cadeirão em cabedal
que alguém encontrou no lixo e me ofereceu.
As camadas de cor resistem ao frio
e agarram-se desesperadamente à tela.
Fico à espera.
Que entrem as bailarinas.
Nuas como estrelas,
caleidoscópica feminização da cor,
vêm por vagas sem fim
diluindo-se umas nas outras.
Vermelho intenso, laranja vivo,
amarelo luminoso que se esvañece em tons de verde,
pálido azul, azul que escurece,
violeta e negro.
Depois chegam os insectos nocturnos.
Borboletas acastanhadas e cinzentas
seduzidas pela luz da porta aberta.
Pesquisadores de ouro em forma espectral,
sussurros dos confins das galáxias que se afastam.
Gritos de crianças a brincarem no deserto.
Sons longínquos de telefones enterrados.
Memórias da infância noutros lugares.
Entre a matéria e o vazio restam os sonhos
E então recomeço a pintar.
Pinto até as tintas acabarem.
Até o carmim se transformar em prata.



Foto: João Brehm . Atelier de João Brehm . 2019

Oração das Cores

Vermelho,
Cor do fogo e dos lábios,
Do sangue e da paixão,
Das papoilas e dos cravos,
Da luta e da Revolução.

Azul,
Azulejo,
Azul-celeste,
Azul d'Este a Oeste.

Amarelo,
Sol,
Girassol,
Âmbar e mel,
Mas também fel,
Cor do trigo e da palha,
Que casa tão bem com o preto da gralha.

Preto escuro,
Preto brilhante,

Oposto ao branco ofuscante.
Branco neve,
Branco nuvem,
Branco algodão,
Branco leite,
Branco cisne.

Verde tomate!
Laranja tangerá!

Roxo violeta,
A cor da paixão!
Cristo, cruz, coração,

Vermelho...

Vermelho ferro,
Laranja ferrugem,
Laranja cobre,
Pobre cinzento,
Rico amarelo,
Dourado,
Torrado,
Queimado,
Preto,
Carvão,
Vegetal,
Verde,
Verde-marinho,
Azul,
Azul-céu infinito,
O céu da boca,
Boca,

Vermelho...

Vermelho amor.
Amor amarelo, roxo perfeito.
Perfeito, imaculado branco.
Paz!
Alegria!
Arco-íris!
Poesia!
Emoção!

Vermelho...

Vermelho ardente

Vermelho ardente
Quero-te rubra de paixão
Do mesmo modo que me incendeias
E me manténs desperto

Entre o branco e o negro
Existe um abismo incognoscível
Que só o vermelho sabe transpor
Fazendo florescer a vida

E assim encarnado por ti
Flui do meu sangue a escrita
E assombro-me das horas e dos gestos
Que um simples beijo pode criar

Sheffield

Alla luce calda dei lampioni
Sbrilluccicano paillette di pioggia,
Le ombre nere sul selciato
Rivelano pennellate d'arancio.

Come arlecchini in festa
Prendono vita su foglie caduche
Geometrie di colori cangianti
Tracce bagnate di un autunno in declino.

Tra i miei capelli pioggia in lacrime
Scorra e si getta sul marciapiede,
Stretta in me stessa, una <<I>> infreddolita,
Incedo sola nella strada deserta...

Ridono dalle finestre - lucciole,
Hanno messo dei fiori sul balcone;
E io sento il nodo dei pensieri
Sciogliersi, e come un tremolo tepore;

Chi lo avrebbe detto,
Sono a casa.

Blusa Azul

Segunda-feira. Levanto-me e bato no crânio por dentro.
Confiro a própria altura, a conclusão da musculatura
viciada em sangue.

Levantar-se dentro de si é tão rudimentar, desacompanhado;
como ser o primeiro a levantar-se na cidade,
sem concílio com as casas que o rodeiam.

Uma peça de roupa a estrear, a blusa azul,
parece inovar um pouco a mecânica retrógrada da carne,
esta espessura emotiva entre os ossos e a roupa.

A sua cor inesperada, vívida, a textura confortável,
consola um pouco o estar a sós como quem trabalha,
sem promessa, sem salário;

recompensa um pouco a realidade de outra madrugada
em que o esforço de estar vivo é pago
com o esforço de estar vivo, sem auxílio, sem reconhecimento.

Pintura rupestre (Ocre)

Ocre sobre roca las manos
nombrando el mundo sin nombrarlo;
apenas rozándolo sin herir señalando
porque aún no han trazado siquiera
el surco sobre la tierra.

Ocre sobre roca la sombra
de una huella amamantando
puñados de jaguares solitarios,
carneros desrebañados las líneas
zigzagueantes
de serpientes somnolientas.

No basta morder la fruta beber el agua
besar la carne cálida que a nuestro lado
respira; no basta escuchar el gallo
ver llover a cántaros en las tardes
sobre las plantas agradecidas.

O alimentarse reproducirse
no morir de hambre o atravesados
por el colmillo gris de una bestia
tan asustada como nosotros.

No era suficiente la vida sola
había que inventársela:

sembrar historias en los muros
hacer florecer las piedras contra las manos.

Ocre sobre roca todo lo que creamos
es un rugido primigenio:
gritar aquí estuvimos valió la pena
la alegría el deseo el dolor de vivir

Sangre que se seca ocre
dejarle un instante al silencio
que nos suceda.

Ocre entre las manos
el misterio nos desgarramos
lo humano que perseguimos
apenas por un momento
palpamos contra las piedras.

Somos todos Rosa

Pensava falar-vos de paixão do acto do diáfano, do olho obediente ao arquétipo do corpo humano e em particular da visão, melhor da pupila, que assim se designa por ser o nome da figura reflectida nela. (A pupila também significa 'menina'; 'aprendiz'). De facto, somos todos pupilos da cor.

Pensava falar-vos das minhas deambulações enquanto pintora e do meu encontro com os azuis do mar e das cores variadas dos céus, dando-vos uma visão interior por reflexão sobre os fenómenos especulativos da consciência da mente, onde residem as cores que projecto.

Passariam estas sempre pelo azul, nas suas manifestações sensoriais, emocionais e espirituais, pelos 'Diálogos de Amor' de Leão Hebreu ou do lúcido intelecto divino de Averróis.

Em vez disso, talvez por os meus azuis se conseguirem ver melhor em sossego, escolhi recorrer ao espanto dos cosmonautas russos e dos astronautas americanos, ao contemplarem do espaço o nosso planeta, tão azul! 'Tal como uma jóia', acrescentavam os japoneses a partir da Estação Espacial Internacional.

A Terra azul, pelo oceano e a atmosfera; Vénus, amarelo e branco, pelas nuvens de ácido sulfúrico; Marte, vermelho e laranja, pelo óxido de ferro; Júpiter, laranja e branco, pela nuvem de hidrossulfureto de amónio; Saturno, amarelo claro, pelas nuvens de amoníaco; Úrano e Neptuno, azuis, pelas nuvens de metano; Plutão, marron claro, pelo metano congelado e a superfície rochosa.

Tudo no Universo é dotado de cor.

Voltemo-nos para este nosso planeta.

Em Mirzapur, Bihar, na Índia, alimentavam-se as vacas de folhas de manga para produzirem urina amarela, de que se tingiam tecidos vivos amarelos! Amarelos dos narcisos, girassol, limão, mostarda, cera de abelha, canário, arsenito, ouro.

O amarelo de Nápoles e o amarelo de Colónia.

Na China, o amarelo estava reservado ao imperador, símbolo de iluminação suprema, ou no Egipto, o ouro amarelo à máscara funerária do faraó Tutankhamon.

Os Budistas, esses usam túnicas cor de laranja, símbolo de nobreza e de alegria. O laranja do açafão, da cenoura, dos frutos mais correntes como clementina, tangerina, mandarina, nectarina, pêssego, damasco, manga, mamão, ou de outras paragens tropicais e exóticas. Em Badakhshan, actual Afeganistão, pedreiras de minerais lápis-lazúli, o precioso azul-ultramarino, referido sempre como tendo sido mais caro do que o ouro.

Do Atlântico e do Mediterrâneo, a púrpura do múrex, cuja glândula hipobranquial segrega uma tinta que, em contacto com a luz e o oxigénio, se transforma no luxuoso violeta! Em número de 15.000 moluscos, satisfazem os luxos do imperador romano ou da nobreza europeia. Entre o púrpura, o violeta e o roxo, transcendente e místico, a ametista, a andaluzite e todas as variantes nos sabores da beringela ou dos mirtilos.

Na Europa, ao quermes escarlate medieval, não suficiente, juntou-se outro insecto, produzido na América azteca, a cochilha. A cochilha, mantida muito tempo em segredo, produzia ácido carmínico, oferecia o esplendor da substância corante de inúmeros vermelhos. Para lucro do Império Espanhol, foi roubada aos Aztecas de vestes coloridas e corpos maquilhados. Para obter 450 gramas, esmagavam-se 70.000 cochilhas!

No Mediterrâneo, as raízes da *Rubia tinctorium* — ou ruiva-dos-tintureiros, garança ou granza — fornecem a purpurina e a alizarina.

Vermelho, o nome de baptismo do Brasil, é também *rubedo*, quando pela elevação do fogo à intensidade máxima atinge o estágio último no processo alquímico. A cor do mercúrio, do sangue, da framboesa, do extracto de garança, vermelhão, cinábrio, escarlate, rubi...

O vermelhão sintético, trazido para a Europa para iluminar o Renascimento. E do carmim, do carmesim, do vermelho-cádmio de Matisse, banido recentemente, e tantas tantas outras cores descobertas e por descobrir, neste planeta azul!

Os ocres vermelhos, com que se animavam as pinturas rupestres na Ásia, na Europa, na Austrália, nas Américas e na mais antiga pintura encontrada na África do Sul — em Blombos — com 73.000 anos.

O vermelho da China há 7.000 anos. Os ocres vermelhos encontrados nas paletas dos pintores dos túmulos de reis egípcios, da Vila dos Mistérios e outros frescos de Pompeia.

O verde, a cor arquetípica da natureza, pigmento verde da clorofila! O belo e venenoso esmeralda, do acetato arsenito de cobre, comercializado no tempo de Gauguin e Van Gogh e, mais tarde, usado para matar ratos, só mesmo comparável em veneno ao amarelo-cádmio dos brinquedos das crianças.

Verde-veronese, verde de cobalto, verde de zinco, verde jade, ou malaquite.

A terra-verde das árvores, plantas, folhas, legumes, frutos: kiwi, pistácio, menta, maçã, espinafre, couve, alcachofra, alazão, absinto.

Mas voltemos ao azul... Aos sábios alquimistas egípcios, que criaram o azul de Alexandria, há mais de 4.000 anos, com que pintaram templos, cerâmicas, túmulos, esculturas; ao azurite descoberto por Marco Polo, em 1271, no Afeganistão; ao lápis-lazúli com que os Budistas pintavam em Bamiyan (Afeganistão), transportado para a Europa, mais valorizado que o ouro e base da pintura veneziana — o 'colorito' — durante o Império, e a que tinham acesso os ricos mercadores venezianos, só comparáveis ao poder dos mercadores portugueses e por isso tidos por rivais. Ao índigo, menos raro, derivado de *Indigofera tinctoria* — que catalisou guerras comerciais entre a Europa e a América. Ou ao azul marinho, ao azul da Prússia, ao azurite, ao topázio, ao cobalto ou ao *International Klein Blue*.

E que dizer da beleza da safira, da turquesa?

E da descoberta acidental, feita em 2009, do pigmento azul-YInMn, pela junção de ítrio, índio e manganésio, de que já se produziu o vivo giz azul *Bluetiful*, feito de pigmentos sintéticos inorgânicos?

Mas se o azul cerúleo foi recentemente declarado a cor do milénio, uma recente descoberta abre as portas para a imaginação criativa da Arte, da Ciência, das Tecnologias e das Humanidades em geral.

O rosa é a cor mais antiga. Com 1.1 bilião de anos, foi encontrada em rochas, no subsolo do Sahara, outrora oceano. Os pigmentos rosa — fósseis da clorofila produzida por organismos antigos fotossintéticos — habitavam esse oceano. A molécula do rosa brilhante contém grupos de cianobactérias, substituídas por algas há 650 milhões de anos, fornecendo, assim, a energia necessária à evolução de ecossistemas complexos e da existência humana na Terra!
Afinal, não só somos feitos de estrelas.

Somos feitos de rosa!

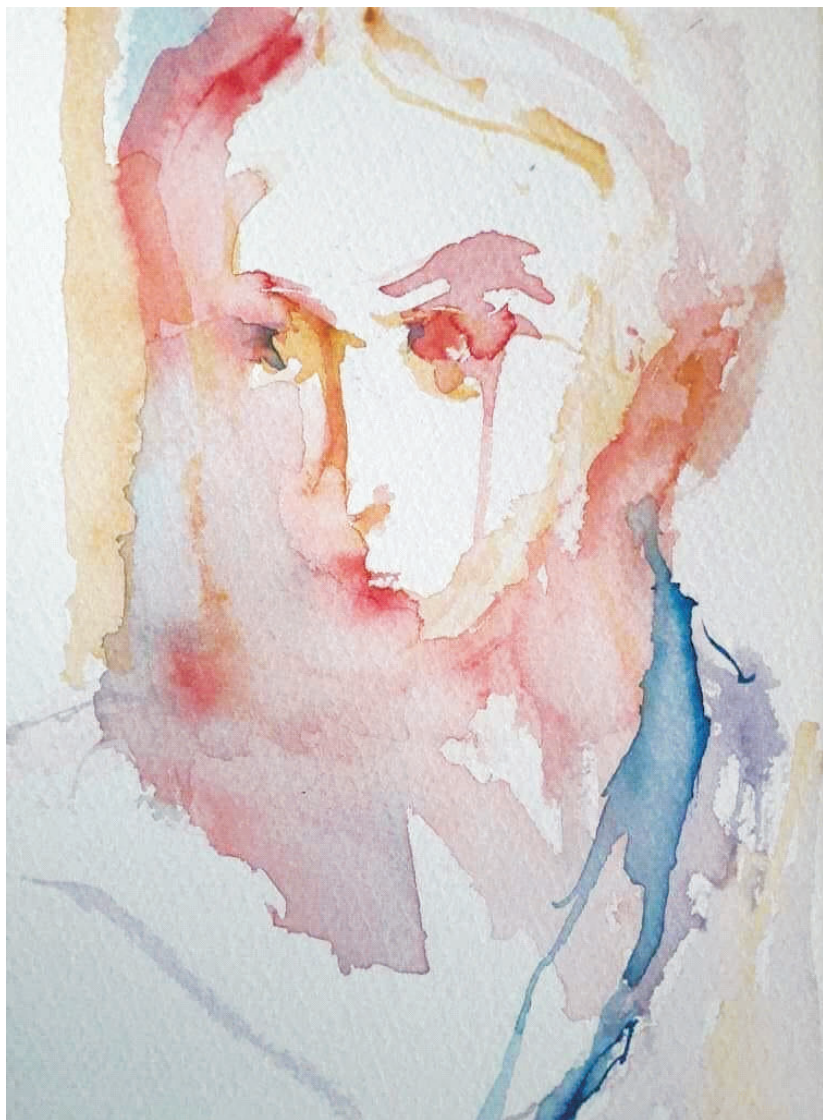


Foto: Maria João Durão . Rosa a partir das pétalas das flores

Poema sin título

del otro lado del arcoíris
huevos de silencio

verás

Dionisio

Si el cielo, la tierra los mares tienen su dios,
como se iría a quedar él vino sin el suyo.
Embriagando e inspirando paladares
desde tiempos remotos,
hasta el presente continuo.

Crece la viña en tierras donde deshidrata la fertilidad.
Nace de la parra, racimo pequeña esfera
Cosechada y Pisada
Comunión entre la Pacha y su hijo.

Descansa el mosto en barrica de roble,
Pa´ afinarle el sabor,
Y madurecer su color.

Pega un grito el alcornoque,
destapando esbelta silueta,
Que custodia la pulpa jocosa
Manjar que deleita a ricos y a vagabundos
Discriminando a nadie en este mundo,
cual mascota fiel que sigue a su dueño,
acompañándolo en su desgracia o en su sueño.

De Buenos Aires a Lisboa

Vuelan piñas por los aires
de Buenos Aires.
Sopla el tango por las calles
por los bares.

Suena al fueye en constante semifusa
por la sangre,
y se respira una trompada en
cada esquina.
Y esa mina que desfila sin querer
queriendo se te olvida
esa herida que no cierra.

Refilando um bocadinho
pelas ruas de Lisboa.
Que está dura esta realidade.
Existe sempre alguma pena,
uma pedra no sapato,
onde possa estar a refilar.

Está dura a vida no meu bairro,
uma nuvem persegue-me para onde vou,
um cigarro, estar cansado, no quotidiano
E os meus olhos que nos olham
onde estou.

Zarpa o barco de aquele porto
Uma lágrima um adeus
Um recorde que se apaga,
tanto tempo que passou.

Allende el horizonte
la lejanía,
Atlántico sur y norte
toda una vida.

Otrora era un pibe, era un león
Hoy suene este lamento
del tiempo que se perdió

Aquel pasado vivo no presente
Que estremece el antaño que no está.
Que ya pasó, que se esfumó,
Que se fue para no volver...

Do rio Tejo ao rio de la Plata
Hay tanta gente a rezongar.
Que me falta um bocadinho
mais de nada,
um pedaço de mi alma,
que o Fandango me está a dar.

De Buenos Aires a Lisboa neste canto,
Abrazándose el fado y el tango.
Se trenzan las melodías,
de duas cidades filhas duma
nostalgia.

Jardins de Lisboa

Passeiam amantes pelos jardins
onde Lisboa de verde se vestiu,
eles planeiam discretos festins
para o adultério que floriu.

Observam a magnífica cidade,
as colinas quase multiplicadas,
à luz da paisagem a lealdade
das almas infiéis e apaixonadas.

Consorte secreta deste casal
que se uniu sem lei convencional,
Lisboa abençoa o desejo livre.

Ao vosso abraço de intocável cor
apenas se insinua, sedutor,
o azul do Tejo que no longe vive.

A floresta

Alguém me diga o que é que é verde?
Na natureza predomina,
E há quem diga ser o oposto a maduro.
Mas e se o verde fosse uma mina?
Não de ouro e sem furo,
Seria de beleza selvagem,
Como o caule e a folha e a vagem.
Belo é o verde que cresce natural,
Como tudo o que é garantido,
Como tudo o que é banal.

O branco é branco

O branco é branco

Como um cisne que desliza sobre um espelho

Como a esclera dos teus olhos que me olham

Como o sêmen que se aninha no teu ventre

O branco é branco

Como o cume que reflecte a luz do astro

Como a espuma que se agarra à tua pele

Como a folha que é tocada pelo poema

O branco é branco

Como a porcelana nascida no oriente

Como os teus dentes em que roço a minha língua

Como o sonho que me habita e desvela a alma

Crianças cor de amor

Há um menino na minha rua
com quem brinco no jardim,
Certa manhã perguntei-lhe
Tens a tua pele vestida
ou és diferente de mim?
Ele deu uma gargalhada
e perguntou-me assim:
O teu cabelo é dourado
parecem raios de sol
ou tens o cabelo pintado?
Andamos no carrossel,
Brincamos como os demais,
Damos risadas iguais.
Quando ele cai do baloiço,
Fica triste e diz que doeu,
Chora ele e choro eu.
Já somos grandes amigos.
Sentamo-nos a olhar o céu
Dividimos as bolachas
e imaginamos crianças das cores do arco íris.
Jogamos com o mesmo brinquedo
e combinámos em segredo
Trocar presentes os dois:
Eu dou-lhe a minha pele
Ele dá-me os seus caracóis.

Uma azul rosa amarelo

Será que eu vou morar nesse azul?
As cores do ano agora misturam-se
e ao mesmo tempo que sou amarelo
sou também rosa e azul,
entende?
Vou te explicar essas palavras:
nós podemos colocar sentido nas coisas,
torná-las nossas,
nos relacionar com o mundo.
Por onde anda seu pensamento durante o dia?
Para onde sua mente viaja?
Pensei que o amarelo tem um fogo de realização
que vem bem do estômago,
realização da vida,
do ser,
querer algo e já ir fazendo,
o tal “dizer a que veio”
a tal coragem
chegar cansada em casa e rir do dia,
rir da vida: ter alegria
O rosa é uma certa emoção de sonhar,
sabe aquela coisa?
vida cor de rosa:
criança criativa...
azul aquele sentimento sentimento,
que anda como o mar com a lua,
as eternas águas do tempo e da vida.
Hoje sou isso e um pouco mais
amálgama de silêncio e pólvora

Antes do princípio era o preto

Antes do princípio era o preto
Antes do branco e de todas as cores
Antes da luz e da matéria existir
Antes de tudo

Depois, depois dos mundos que aconteceram
Vislumbro a origem na pupila dos teus olhos
E deixo-me levar pela senda do mistério
Guiado pela tua voz que se faz caminho

Sim, o dia começa de noite
Onde se geram os impossíveis
Onde me agarro aos teus cabelos negros
E nos salvamos do vazio e do nada

Apontamentos no atelier (2)

Como posso desvendar
os segredos do magenta
e das cores proibidas?
Vens para ficar
ou vais continuar sempre a correr?
Vens sujar as mãos, sofrer, amar?
Perguntou o traíçoeiro crómio
que não é chumbo nem alumínio.
E as outras, as outras cores fluorescentes?
Silenciosas observam a minha indecisão.
Desce a luz
nesta hora vaga e tardia.
Agitam-se as teias das aranhas.
Os cães continuam a ladrar
apesar da chuva que não pára.
Passa o instante, passa a vontade.
Libertos da gravidade e da prisão,
fugiram os pigmentos dos frascos.
Invadiram o chão e as paredes,
o quadro transbordou
e vou partir cobardemente em viagem.
Estou triste.
O meu pincél preferido
vai perdendo os pêlos,
um a um.
Mas hei-de regressar.



Foto: João Brehm, Atelier de João Brehm, 2019



INTERNATIONAL COLOUR DAY
21 MARCH
ESTABLISHED BY ICA - INTERNATIONAL COLOUR ASSOCIATION

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito –
projecto UID/ELT/00509/2019



associação portuguesa da **cor**